

Evel Rocha: a literatura, a margem e os marginalizados cabo-verdianos

Érica Antunes Pereira *
Simone Caputo Gomes **



O escritor cabo-verdiano Evel Rocha nasceu na Ribeira Funda, Ilha do Sal, em 1967. Formado em Psicologia e Teologia, mestre em Supervisão Pedagógica, Counseling (Psicologia) e pós-graduado em Desenvolvimento Local e Comunitário, é investigador na área das Ciências Sociais e da Cultura, Vice-Presidente da Câmara e Vereador da Cultura e da Educação na Câmara Municipal do Sal e Deputado para o Círculo Eleitoral do Sal. Até o momento, publicou as seguintes obras: *Versos d'alma* (poesia, 1997), *Estátuas de Sal* (romance, 2003), *Marginais* (romance, 2010) e *Cinzas douradas* (poesia, 2015). É Membro da Academia Cabo-verdiana de Letras e, para além do percurso literário, seus interesses são o teatro e a pintura. Autor conhecido por abordar temas candentes envolvendo a problemática social de gênero, a entrevista nos dá a conhecer um pouco de suas atividades e de sua obra, hoje bastante apreciada pelos estudantes brasileiros de Literatura Cabo-verdiana.

Fale um pouco sobre você e a sua formação.

Evel Rocha: Nasci na Ilha do Sal, mas meus pais são da Ilha de Santo Antão. Tenho uma ascendência europeia, mais especificamente da França, que, no entanto, não teve nenhuma influência na minha formação. Fiz meus estudos liceais no Sal, depois terminei os estudos secundários no Mindelo, Ilha de São Vicente, porque, na altura, não havia o que chamamos de 6° e 7°, os últimos anos antes de termos acesso a uma universidade. Primeiro estudei Teologia, depois Psicologia, fiz um Mestrado em Psicologia, nos Estados Unidos, e outro em Supervisão Pedagógica, em Portugal. Mais recentemente, concluí uma pós-graduação em Desenvolvimento Local na Universidade de Cabo Verde.

Quando começou a escrever e qual a sua motivação para tanto?

Evel Rocha: Comecei a escrever ainda nos primeiros anos do liceu e, sinceramente,

não me lembro de ter tido alguma influência de alguém que me estimulasse, como um professor, por exemplo. Era mais pelos livros que havia lá em casa: a minha mãe era muito dada à leitura e, então, havia livros de grandes poetas portugueses e publicações como o *Reader's Digest*, uma seleção de artigos e textos que me encantava quando criança. Adolescente, descobri Fernando Pessoa e Camões e comecei a escrever uns poemas românticos, como era usual naquela faixa etária.

Eu os escrevia, mas tinha vergonha de mostrar às pessoas, porque poderiam causar risada. Um dia, um professor descobriu esses poemas e ficou tão encantado com a minha ingenuidade, digamos assim, que resolveu publicá-los numa revista que havia aqui no Sal naquele tempo, a *Revista Semente*. A partir desse momento, comecei a encarar a poesia de uma forma diferente, mais extrovertida, deixando que as pessoas tivessem acesso aos meus poemas e participando de concursos no liceu. Eu ficava em primeiro lugar, mas pode ser que fosse por falta de concorrentes!

Só muito tarde, em 1997, eu tinha mais ou menos 30 anos, publiquei o meu primeiro livro, *Versos d'Alma*, que continha poemas mais místicos.

Depois de passar pela poesia, resolvi me aventurar pela prosa: escrevia alguns contos e guardava. Num certo dia, enchendo-me de coragem, resolvi escrever meu primeiro romance, *Estátuas de Sal*.

Pode nos falar sobre Estátuas de Sal?

Evel Rocha: *Estátuas de Sal* nasceu de uma ideia de escrever sobre esta ilha pela qual tenho grande paixão, a Ilha do Sal, e sobre as pessoas que passam despercebidas no dia a dia, que lutam pela sobrevivência e marcam a minha vida desde a infância. É uma forma de homenagear a minha ilha. Inicialmente, eu havia pensado o título como *Monumentos da Ilha do Sal*, mas *Estátuas de Sal* pareceu-me mais poético e, por isso, adotei-o.

O livro é a saga de uma família salense: o casal tem sete ou oito filhos, cada um com suas características próprias. A intenção foi demonstrar o sacrifício e as dificuldades da vida, já que o Sal era tido como a ilha dos desterrados, uma ilha mal amada. Há uma música que diz mais ou menos assim: “Ilha do Sal, antes tu eras ilha de pessoas desterradas e hoje és ilha de gente bem penteada”. Isso porque o Sal passou a ser uma ilha de prosperidade e o crescimento desta, em relação às outras ilhas, é, de longe, superior. Na década de 1990, a ilha tinha cerca de quatro mil pessoas; hoje, há por volta de trinta mil pessoas.

Notamos que suas obras, normalmente, são ambientadas na Ilha do Sal. Isso é proposital?

Evel Rocha: Sim. Tenho tido o cuidado, ao escrever os meus livros, de mostrar a minha ilha, porque ela foi a última a entrar na literatura, o que aconteceu com a publicação, em 2003, de *Estátuas de Sal*, meu primeiro romance. Ribeira Funda, onde nasci, foi crescendo e hoje faz parte de uma cidade chamada Espargos. Na época, era um lugar de gente humilde, com muitos pedreiros e pescadores que para o Sal vieram graças, respectivamente, à construção do primeiro aeroporto internacional e à quantidade de peixes disponíveis. Esta foi a última ilha de Cabo Verde a ser povoada e, possivelmente, a que mais se desenvolveu em termos turísticos. Assim, tendo uma população recente, o despertar desta ilha para a literatura e para a cultura se deu mais tardiamente que as demais.

Em termos de literatura, infelizmente o Sal não tem tantos nomes quanto gostaríamos. Nascidos aqui no Sal há dois ou três escritores, um deles é o Sr. António Pedro, filho do poeta Jorge Barbosa.

Você tem um método de escrita?

Evel Rocha: A poesia, na minha vida, começou de uma forma interessante: na altura em que a gente está no liceu, começa a aprender sobre rima, composição dos versos. Por influência do que eu lia e aprendia, eu considerava “clássicos” os meus primeiros poemas. Para mim, o poema é uma espécie de arrebatamento, é um “click”. Não sou daqueles que sentam para escrever poesia, ela acontece. É o momento. Se eu sentar para escrever um poema, possivelmente não conseguirei terminá-lo. Às vezes, acabo de escrever, leio e não vejo nada de interessante, então a primeira reação é rasgar o papel. Outras vezes, quando leio, fico logo encantado.

Quanto ao romance, é algo mais elaborado. Geralmente, eu começo a escrevê-lo pelo fim. Não sou muito amarrado aos capítulos, insiro-os mais para facilitar a vida do leitor: há passagens que são mais intensas, cansativas, de modo que os capítulos servem para dar um descanso ao leitor. No caso de *Marginais*, por exemplo, os vários capítulos foram propositais, uma forma de tornar o livro de fácil leitura ou para ser lido em alta velocidade, digamos assim. São capítulos curtos em que o leitor entra e sai com facilidade, mas ainda tem vontade de continuar. O ritmo do leitor me interessa. No caso de *Estátuas de Sal*, já há capítulos maiores, mas cada um foi escrito tendo em conta o público-alvo. No caso de *Marginais*, foi um livro

escrito para as massas, para o povo, para as pessoas comuns. Essa era a intenção do livro. Em Cabo Verde, o círculo de leitores ainda é bastante restrito, poucas pessoas leem um livro. Algumas evocam a falta de tempo, mas eu acredito que o real motivo não seja esse, talvez falte algo na área da Educação para estimular a leitura dos cabo-verdianos, para que estes possam ser mais consumidores de livros. Na Feira de Livros, os livros técnicos esgotam, mas os de literatura não têm a mesma saída. Isso tem a ver com a Cultura também. Cultura e Educação.

Em termos de literatura, as pessoas compram mais poesia ou ficção em Cabo Verde?

Evel Rocha: Mais ficção. Poesia vende menos. Para mim, isso é um paradoxo, tendo em conta que o ilhéu, o cabo-verdiano, é um artista nato, seja pela música, seja pela poesia. Não consigo entender a razão desse “divórcio” do cabo-verdiano com a poesia, considerando que a sua forma de viver é poética.

Não será a questão da língua portuguesa? Eugénio Tavares, por exemplo, é muito mais espontâneo e próximo do cabo-verdiano comum quando escreve poemas em língua cabo-verdiana. Talvez a língua portuguesa esteja mais próxima do leitor na ficção e seja menos acessível na poesia. Como você enxerga isso?

Evel Rocha: Acho que isso tem fundamento, mas também acredito que, a par da valorização da língua cabo-verdiana, deveria ser promovido um português cabo-verdiano. Nós vivemos em função da chamada língua portuguesa padrão, mas em Cabo Verde isso não é a realidade. Hoje, por exemplo, o cabo-verdiano tem muita influência do português brasileiro, digamos assim. Muito mais do que do português de Portugal. Por várias razões, como o caso da música, da instalação de igrejas evangélicas brasileiras, do futebol, da dança etc. Todas as formas de expressão da arte brasileira têm uma aceitação incrível aqui nessas ilhas. Com isso, quero dizer que já é tempo de nós valorizarmos também o nosso português, o português cabo-verdiano. Há dezenas de anos, Baltasar Lopes já escreveu em português cabo-verdiano, o mesmo podendo ser dito de Manuel Lopes e, mais recentemente, de Germano Almeida, Leão Lopes e tantos outros escritores. Eles escrevem e nós podemos identificar como sendo o português cabo-verdiano, pois há expressões crioulas aportuguesadas. No tocante à poesia escrita em crioulo, o problema não é a oralidade, mas a escrita, que ainda não está definida. Enfim, o que se precisa fazer é valorizar mais a leitura, seja ela em crioulo ou em português. É preciso ensinar as

crianças a ler, a tomar gosto pela leitura. É assim que o círculo de leitores vai aumentar e a gente vai valorizar cada vez mais aquilo que é nosso. A nossa música é aceita internacionalmente porque o estrangeiro reconhece qualidades nela. A literatura cabo-verdiana também tem peixe para dar, mas primeiro temos que fazer um trabalho aqui dentro, junto às nossas crianças e aos nossos jovens.

Notamos que você prefere trabalhar com a margem, com o que não está dentro da convenção ou com o que traz um novo olhar sobre uma realidade conhecida. Fale um pouco sobre Marginais: o que você traz para a literatura cabo-verdiana com essa obra?

Evel Rocha: Eu não sei o que trago, mas que tive prazer em escrever esse livro, isso, sem dúvida. O momento da escrita foi uma das coisas que mais me entusiasmaram. Como o próprio título diz, é um livro de marginais, de marginalizados. Marginalizados talvez fosse o título mais acertado. A ideia era fazer um retrato social da Ilha do Sal em particular e de Cabo Verde na generalidade. Era trazer à tona temas que são tabus, que as pessoas têm medo de tocar, como a homossexualidade, a delinquência, a monoparentalidade, a poligamia e as situações do dia a dia de injustiças. Nesse livro, eu também queria dar ênfase à delinquência política, tema que todos nós sabemos que existe, mas que preferimos deixar num cantinho como se se tratasse da caixa de Pandora. Trazendo à tona esses temas tabus, pretendia também trazer algo novo para a literatura cabo-verdiana, trazer algo improvável, porque, do meu ponto de vista, já é hora de pôr o dedo na ferida. Principalmente aqui na Ilha do Sal, considerada a capital do turismo em Cabo Verde e até da costa ocidental africana, verifica-se que se o turismo traz prosperidade e virtudes, traz também muitos males, e nós não podemos descurar deles. A minha intenção era chamar a atenção para a ocorrência do turismo sexual e para a concentração de rendas nas mãos de poucos, pois quanto maior a riqueza desse grupo, maior a pobreza e o número dos chamados marginais. Também procurei abordar os fenômenos da prostituição infantil e do abandono escolar, realidades frequentes em nosso meio. Sobre o abandono escolar: chega uma época em que o jovem deixa de ir à escola porque precisa trabalhar para ajudar no sustento da família. Sobre a prostituição: há, por exemplo, aquela jovem que nasceu de uma família pobre e que vê as outras colegas bem vestidas, com telemóvel (telefone celular), e, desejando ter os referidos bens, passa a se prostituir, às vezes de forma “encapuçada” ou até mesmo com a conivência dos pais. Esta é uma realidade atual,

que acontece no dia a dia. Há também a situação de incesto, que sabemos que acontece, mas temos medo de falar para não ferir suscetibilidades. Em nome do bom turismo, da prosperidade econômica, do paraíso turístico, acabamos por aceitar essas situações. Isso para não falar do contrabando e do tráfico de drogas, do alcoolismo. Assim, o jovem que consegue sobreviver a toda essa situação é um herói, porque consegue resistir a todo esse chamamento de promiscuidade.

O próprio nome do personagem principal do livro, Sérgio Pitboy, é ligado a um “cão de guerra”, cão briguento. Sérgio se assume como delinquente, como marginal, pois acredita que não tem lugar na sociedade onde vive. Em outras palavras, ele se resigna à condição que a própria sociedade lhe impôs e se assume como marginal. No enredo, há um editor, que é um personagem fictício, e o autor, Sérgio, que é também um personagem. Este entrega o livro para o editor, que vai publicar. Portanto, o autor não entra na história. Ao apresentar aquele livro, Sérgio Pitboy quase queria dizer: “estou arrependido pela vida que levei, eu poderia ser melhor se tivesse lutado contra o sistema”.

Há personagens bastante distintas: o homossexual chamado Fusco, jovem estivador (trabalho considerado de “macho”) que não tem dificuldade em assumir a sua homossexualidade. Em nossa sociedade, ainda há dificuldade de aceitar o homossexual tal qual ele é. Temos a Mirna, jovem muito bem apessoada, linda, dona de uma inteligência física que tenta tirar proveito disso, pois sabe que os homens a apreciam, e acaba de uma forma triste. Há também o Lela, que, pelo fato de ser magro, recebe o apelido de Magreza. Ele é diferente dos outros porque vem de uma família abastada e escolhe ser um poeta marginal: escreve poemas nas ruas, nas paredes, e se identifica com os marginalizados. Lela rejeita a sociedade de onde provém e se identifica com aquele que, no crioulo, costumamos chamar de “coitado”, e, para mim, é um personagem simbólico, porque a ideia é passar a mensagem de que tanto o filho do rico quanto o do pobre está a uma linha da delinquência. Todos necessitam de cuidados, de educação para melhor se inserirem na sociedade. Outro personagem que eu gostaria de destacar é o Dr. Apolinário, que é bastante enigmático e retrata, do meu ponto de vista, os elitistas, aqueles que se sentem superiores aos outros porque conseguiram atingir um patamar intelectual, acadêmico ou social melhor, vivendo acima da lei, contornando-a. Dr. Apolinário é advogado, político, e se aproveita do seu “status” para enriquecer. Seus defeitos estão bem guardados, pois utiliza uma máscara social, mas na intimidade é uma

pessoa completamente diferente, a ponto de adotar um cão como filho e achar que o mesmo deve ser enterrado no cemitério, mas não o filho do pobre. Pode haver um certo exagero, mas acaba por retratar a realidade social.

Fico contente quando alguém diz que se sentiu chocado com o livro, pois a ideia é mesmo dar “um murro no estômago da sociedade” para despertar sensibilidades para o mundo real. É uma denúncia, acima de tudo.

Há uma diferença na escrita entre os dois romances que foi mesmo propositada: a linguagem de *Marginais*, não tão elaborada quanto à de *Estátuas de Sal*, visa à facilidade na leitura do livro. Ao optar por uma escrita mais corrente, rápida e simples, a ideia também foi fazer uma ruptura com o meu próprio estilo de escrita: antes de *Marginais* e depois de *Marginais*.

Ilha do Sal, Cabo Verde.

Notas

* Érica Antunes Pereira é doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado realizado na mesma instituição e na Universidade de Aveiro, todos com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa de Estudos Cabo-verdianos CNPq/USP, autora da obra “De missangas e catanas: a construção social do sujeito feminino em poemas angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos e são-tomenses” (São Paulo: Annablume; FA-PESP, 2013) e co-organizadora, com Simone Caputo Gomes, da coletânea “Literatura cabo-verdiana: seleta de poesia e prosa em língua portuguesa” (Belo Horizonte: Nandyala, 2015). E-mail: erica.antunes@gmail.com

** Simone Caputo Gomes é professora de Literaturas Africanas e de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), com pós-doutorados realizados na Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa e Universidade de Aveiro, Portugal. Recebeu a Medalha do Vulcão de Primeira Classe em 2007, condecoração outorgada pelo Presidente da República de Cabo Verde por seu trabalho com a cultura daquele país, e a Comenda Oxum Muiwá, outorgada pela Universidade Estadual da Bahia em 2010. Foi designada como Membro Honorário da Academia Cabo-verdiana de Letras, pelo Plenário da ACL, em 2013. Coordena o Grupo de Pesquisa de Estudos Cabo-verdianos CNPq/USP, é autora das obras “Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe” (publicada pelo Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco), “Cabo Verde: literatura em chão de cultura” (São Paulo: Ateliê; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, 2008) e “Arménio Vieira” (Prêmio Camões 2009) e co-organizadora, com Érica Antunes Pereira, da coletânea “Literatura cabo-verdiana: seleta de poesia e prosa em língua portuguesa” (Belo Horizonte: Nandyala, 2015). E-mail: simonecaputog@gmail.com

Recebido em: abril de 2015.

Aprovado em: maio de 2015.